

GRUPO COMO DISPOSITIVO DE TRANSFORMAÇÃO NAS RELAÇÕES SOCIAIS DOS SUJEITOS

GROUP AS A TRANSFORMATIVE TOOL IN SUBJECTIVE SOCIAL RELATIONSHIPS

Graciélie Campos*

Thaís Santi*

Rafaela Rigoni*

RESUMO: Pensar o grupo como um dispositivo de transformação nas relações dos sujeitos parece uma tarefa intensa; neste trabalho nos propomos a pensar questões grupais e as transformações subjetivas que ocorreram no desenrolar desse território que foi criado, dando ênfase ao processo de clínica ampliada com o objetivo de produzir saúde e aumentar a autonomia dos sujeitos.

Palavras-Chave: Grupo. Subjetividade. Clínica Ampliada.

Nosso local de estágio é a sede da Secretaria Municipal de Saúde da cidade de Santiago/RS, para o qual as pessoas são encaminhadas para serem atendidas pelo Sistema Unificado de Saúde (SUS). Na sede da Secretaria funcionam unidades de atendimento ao público (médico, psiquiátrico, psicológico e serviços de enfermagem, dentre outros). Des-

*Acadêmicas do Curso de Psicologia da URI - Campus de Santiago.

creveremos os atendimentos psicológicos que acontecem na sede da Secretaria através de encaminhamentos dos postos de Estratégia de Saúde da Família (ESF), Unidades Básicas de Saúde (UBS), postos de saúde e escolas, onde os pacientes passam primeiramente pela triagem e após são atendidos individualmente pelas psicólogas ou encaminhados ao grupo o qual estamos coordenando. Atualmente são duas psicólogas (uma contratada e outra concursada), e o número de grupos varia entre três a quatro, sendo um de pacientes depressivos, outro com pacientes da hemodiálise, e um terceiro composto por fumantes e alcoolistas.

O Grupo estudado nesse texto é parte de um dos projetos da prefeitura municipal, *Cuca Legal*, e tem por objetivo atender pacientes com depressão e/ou dependência química (álcool e outras drogas), através de uma equipe de duas psicólogas, um psiquiatra, uma enfermeira, um médico clínico geral e uma técnica em enfermagem. O contato inicial com os participantes do grupo de depressivos que coordenamos deu-se através da lista de triagem e posteriormente através de telefonemas da secretária do setor de saúde, com uma semana de antecedência; convidando-os a vir participar de um grupo que estava sendo formado para os pacientes que passam pela triagem e, normalmente, são diagnosticados depressivos, sem a necessidade de acompanhamento individual. Este grupo tem como objetivo promover uma troca de experiências e vivências entre os participantes visando, através deste, um "grupo terapêutico, grupo de discussão, grupo de escuta, grupo de ação" (BAREMBLITT, p.216, 1986), no qual as pessoas possam esvaziar angústias e compartilhar seus sentimentos, tornando-os sujeitos ativos no processo saúde/doença diante de sua atual condição e refletindo sobre esses processos de adoecimento e os possíveis tratamentos.

O que nos propusemos a realizar neste estágio, e assim fizemos, foi dar ênfase ao processo de Clínica ampliada, sendo este, um trabalho clínico que visa ao sujeito, à doença, à família e ao contexto, tendo como objetivo produzir saúde e aumentar a autonomia do sujeito, da família e da comunidade. Utilizamos como meios de trabalho: a integração de equipes multiprofissionais, a descrição de clientela, a construção de vínculos, a elaboração de projetos terapêuticos, conforme a vulnerabilidade de cada caso, e a ampliação dos recursos de intervenção sobre o processo saúde-

de-doença (MS, 2006)¹ proporcionando através do estudo sobre Clínica Ampliada um novo olhar à clínica tradicional a qual ainda encontramos. Assim, podemos referir que, através dos discursos que fazem parte do diálogo das participantes, da escuta e das trocas através das quais compartilham no grupo, possibilitam-se novas formas de acompanhamento junto às participantes, estendendo este espaço que ora se faz individual até o contexto social e familiar de cada sujeito, produzindo e (re) construindo subjetividades que se fazem presentes nessas relações.

De acordo com Ferraroti, "cada vida humana é a síntese vertical de uma história social, mas não se trata simplesmente de refletir o social, cada sujeito se apropria do social e, através de um processo de mediação, o filtra e o retraduz compondo, desta forma, o conjunto de significantes que vai estruturar sua subjetividade" (CATTANI apud FERRAROTI, 2002, p.303).

Através dessa subjetividade, pode - se produzir deslocamentos colocando em questão a própria identidade, encontrando formas de se abrir para o devir, para as multiplicidades e resgatando através dessas um novo olhar sobre o social em que está inserido.

Observamos no grupo, que as participantes percebem essa produção de subjetividade de acordo com os princípios que tomam como verdadeiros para si, e a possibilidade de através destes, produzir estratégias para lidar com seus problemas.

A subjetividade está circulando nos conjuntos sociais e "é assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares". Isto pode dar-se tanto por um processo de homogeneização universalizante, quanto por um processo de composição heterogênea (BENEVIDES, 1994), sabendo que o sujeito habita fatos, gestos e maneiras de agir, as subjetividades estão circulando nestes conjuntos sociais e é "assumida e vivida pelos indivíduos em suas vivências particulares" - Guattari e Rolnik (1994) - assim o social só se constrói a partir de um desejo individual.

Portanto, a subjetividade segundo Guattari, "é tanto de ordem extra-individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, eco-

¹ PNH, Ministério da Saúde, Textos Básicos, 2006.

lógicos etc.), quanto de ordem infrapessoal (sistemas perceptivos, de afetos, de desejos, orgânicos etc.)" (BENEVIDES apud GUATTARI, 1994, p. 150).

Discutiremos aqui questões a propósito do grupo e dos sujeitos que fazem parte deste, essas relações coletivas que se estabelecem em forma de discursos ou sentimentos e a criação de vínculos com outras pessoas, o que promove nesses indivíduos uma relação com o "social", através do qual os mesmos buscam possibilidades para reinventar suas formas de ser e agir neste contexto.

Pensamos que Grupo e Sujeito possam produzir subjetividades conjuntamente, buscando nas questões sociais uma contribuição para o grupo e os papéis que os constituem como sujeitos inseridos neste social, na mesma cultura e seus diferentes contextos, levando em consideração que o sujeito é produzido no social, assim como, o social é produzido pelo sujeito, sendo uma constante troca e movimento entre o dentro e o fora de cada um. Diante dessas colocações, o grupo toma forma de um "grupo sujeito" (BAREMBLITT, p. 213, 1986), ou seja, ativo, quando tenta conhecer seus objetivos, ouve e tem a possibilidade de ser ouvido, permitindo uma abertura para o fora - social -, a partir daí, há uma abertura para novos devires, de diversas formas, na tentativa de produzir novos significados.

Podemos referir que o Grupo é outro território clínico que começa a ser habitado por essas pessoas, a partir do momento em que estas o tomam como campo terapêutico, tornando-se eficaz a partir da relação com o outro. Os sujeitos podem explorar outros territórios existenciais, outras cenas, produzindo através destes novos discursos, outros modos de subjetivação. Segundo Cattani apud Guatarri, Rolnik e Deleuze (2002, p. 303) "o indivíduo é resultado de uma produção de massa, serializado, registrado e modelado, enquanto que a subjetividade, além de constituir matéria-prima de toda e qualquer produção, é gerida pelos agenciamentos - de como se fabrica um sujeito - coletivos de enunciação".

Percebemos que no grupo os sujeitos chegavam a princípio fechados em sua individualidade, colados num sofrimento pessoalizado e atribuindo a esse as causas de uma possível 'depressão'. Tais questões

começam ser modificadas a partir dos vínculos estabelecidos com as demais participantes e das trocas, as quais ainda acontecem lentamente por tratar de um espaço novo que começa ser habitado. Muitas vezes, os sujeitos atuavam somente como ouvintes experimentando as vivências desse espaço, o qual será utilizado mais tarde como seu território grupal, onde podiam expressar e compartilhar seus sentimentos e suas individualidades na busca de reorganizar junto ao grupo suas questões individuais, produzindo assim, outras possíveis formas de repensar a subjetividade.

Acreditamos que esses movimentos de individualização e subjetividade são construídos somente quando se estabelecem vínculos entre sujeito e grupo. Assim, este espaço grupal vem possibilitar que os sujeitos possam se expressar de maneira livre e autêntica, espaço onde estimulem movimentos para o "seu dentro", permitindo que se abram multiplicidades do seu universo interno para o "fora", à procura de modificações da realidade em que vivem. Este processo se coloca como um viajar por dentro, visualizar o avesso, como um mapear das intensidades e dos afetos que constituem nossos estados e que ocupam nossos corpos a cada momento (FONSECA E KIRST, 2004), constituídos a partir daí, não mais como indivíduos, e sim, sujeitos passíveis de trocas e novas relações.

Refletindo sobre o funcionamento do Grupo, descreveremos aqui questões discutidas sobre as relações sociais presentes em suas vivências cotidianas e as reflexões do grupo acerca dos jogos de verdade e de poder da sociedade sobre os estereótipos do que é "ser depressivo" - com o que rotulam os sujeitos, cristalizando pensamentos e ações sobre o que é a depressão.

Foucault diz que, "nas relações humanas, quaisquer que sejam elas - quer se trate de comunicar verbalmente, ou se trate de relações amorosas, institucionais ou econômicas -, o poder está sempre presente: quero dizer, a relação em que cada um procura dirigir a conduta do outro. São, portanto, relações que se pode encontrar em diferentes níveis, sobre diferentes formas, essas relações de poder são móveis, ou seja, podem se modificar, não são dadas de uma vez por todas" (FOUCAULT, 1984, p. 276).

As participantes do grupo, buscam através desses jogos estabelecer condições para minimizar os rótulos impostos pelo contexto social em que vivem, criando novas situações e questões que possibilitam repensar sobre suas condições atuais de saúde. Os jogos de verdade parecem determinar - o que elas sentem uma procura por verdades - buscando através deste uma "vida ideal", muitas vezes provocando discursos (que para elas) são "tidos como verdadeiros", além disso, estes jogos de verdade, se definem de forma, que o sujeito constitua sua própria produção pessoal, buscando uma vida mais saudável.

Diante disso, pensamos que "os jogos de verdade referem-se a um conjunto de regras de produção de verdade, e devem ser compreendidos como um conjunto de procedimentos que conduzem a uma verdade que pode ser considerada, em função de seus princípios e de suas regras, como válida ou não, como vencedora ou não. A verdade é, portanto, produzida por indivíduos livres, que organizam certo consenso e que se encontram inseridos em uma rede específica de práticas de poder e de instituições que as impõem e legitimam. Se a produção de verdade refere-se ao saber que os indivíduos utilizam para compreender a si mesmos, cada verdade sustenta ao mesmo tempo, um ideal para cada grupo, cultura e sociedade" (FOUCAULT, p. 86, 1994, p. 86).

Os jogos de verdade referidos aqui são trazidos pelo grupo de forma a delimitar os sentimentos e a reforçar estereótipos atribuídos à depressão pela sociedade (família, relações sociais) o que acaba só por rotular os sujeitos como doentes sem outras possibilidades de vida. Estes jogos, quando não problematizados, acabam tornando-as vulneráveis a um conjunto de fatores que os faz sentirem-se impossibilitados a buscar novas possibilidades e identificações limitando as possíveis opções saudáveis para a constituição do sujeito. Procuramos trabalhar no grupo de maneira a resgatar o que cada sujeito construiu como verdade para si, problematizando seus modos de pensar trazidos do convívio social e fazendo uma ligação com o que sentem em relação ao que é imposto pelas relações que são estabelecidas no seu cotidiano.

Pensando nessas relações que são impostas pelo meio social e pelo Estado como normas de saúde e padrões de comportamentos saudáveis que devem ser adotados, discutiremos aqui sobre biopoder e as possibi-

lidades de subjetividade criadas pelos sujeitos, como novas formas de vida possível.

No biopoder há uma forma de assujeitamento sobre os corpos, este sendo pensado junto a uma biopolítica que se ocupará da gestão da saúde (higiene, alimentação, linguagem), tornando-os corpos modeláveis governando a vida das pessoas e fazendo parte de um campo de poder, onde é exercida uma governabilidade entre as técnicas de dominação sobre os outros e técnicas de si. Falando sobre esse assujeitamento das pessoas, pensamos que há uma coerção sobre suas vidas, o que nos remete a refletir sobre uma liberdade que deixou de existir, tornando-se flexibilizada e invisível na relação das pessoas com o seu social "essa liberdade mostra que se trata de uma liberdade negativa, ou seja, uma liberdade que se limita a escolher entre aquilo que está posto e exclui qualquer possibilidade de invenção de novos modos de existências". (FOUCAULT, 2005, p. 99).

Diante dessa privatização da subjetividade, percebemos o grupo como um dispositivo de transformação desta relação de poder entre sujeitos e social, "construindo condições de legitimidade que permitem a emergência de uma outra verdade que desmascare a dominação e permita aos sujeitos transformar as relações de poder" (Foucault, 2005, p. 103), onde os mesmos possam rever os seus jogos de verdades, não ficando cristalizados numa subjetividade constituída junto ao meio em que vivem, e sim, gerir outros modos de subjetivação e práticas que venham possibilitar maior conhecimento sobre si. Seria uma liberdade então positiva, que visará formas de pensamentos mais saudáveis para o sujeito e o desprendendo dos padrões normatizados como saúde.

"Assim, pensar as relações de subjetivação na sociedade contemporânea e a ética - constituição de sujeitos morais - passa por tornar evidente e desnaturalizar as formas de dominação que atravessam os processos de constituição da própria experiência do sujeito" (FOUCAULT, 2005, p. 102).

No grupo os sujeitos se definem como ativos, livres, críticos sobre si, trazendo suas "verdades" e através das trocas de suas vivências, têm a possibilidade de repensar suas questões e (re) construir essas verdades, criar valores e conceitos produzindo movimentos no seu dentro e a partir

desse, (re) significando suas subjetividades através do contato inter-relacional que é estabelecido no grupo levando-os até o contexto em que vivem. Sendo assim, pensamos que a produção de um sujeito é inseparável das marcas coletivas que o constituem.

Nesta perspectiva, o grupo se coloca como um processo oscilatório constante entre os territórios social - individual, onde os sujeitos se organizam de um modo que se possam produzir transformações em cada um, acarretando uma desterritorialização desse lugar privado da clínica tradicional em que muitas vezes os indivíduos são colocados.

O grupo então passa a ser um território existencial, onde não se trata somente da ordem individual, mas sim coletiva - "deve ser entendido como que no sentido de uma multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo junto aos socius" (BENEVIDES apud GUATARRI, 1994, p.152) - entre os membros como uma fragmentação e multiplicidade de fatores envolvidos, onde a relação com o indivíduo torna-se desnaturalizada - nem grupo, nem indivíduo fixos - mas um espaço aberto para novos devires que se encontram sempre em movimento. Através dessa multiplicidade de subjetividades, pretendemos fazer emergir os conflitos, desordená-los onde tenham a possibilidade de reorganizar seus pensamentos estruturando seus territórios individuais.

É nesses processos de estruturação dos territórios que pensamos ser interessante refletir sobre as questões do cuidado de si como meio dos sujeitos conseguirem exercer uma autonomia gerando e conhecendo um cuidado de si mesmo em relação aos outros.

O cuidado de si dos sujeitos consiste em conhecer a si mesmo, tornando-se um objeto de busca do conhecimento próprio. O exercício da ocupação consigo mesmo pode ser um meio de cada sujeito se conhecer, voltar-se para si, estar consigo, criando possíveis relações consigo mesmo e através da cultura buscar estabelecer relações na família e no contexto social. No grupo observamos que há uma relação estabelecida entre as participantes através da qual ocorre um acolhimento há a possibilidade de auxiliar esta 'volta' para si mesmo como maneira de melhor compreender seus conflitos e conhecer-se a si mesmo, "o exercício de voltar-se para si com o sentido de fazer um levantamento do que foi aprendido no dia" (CARMO, 2007, p. 61).

Podemos relacionar o cuidado de si (conhecimento de si) com a ética sendo esta uma maneira de ser e de se conduzir através dos jogos de verdade implicando uma maneira complexa de relação com os outros, uma vez que para cuidar bem de si é preciso conduzir adequadamente uma relação aos outros e para os outros. A expressão "cuidado de si" indica o conjunto das experiências e das técnicas que o sujeito elabora e que o ajuda a transformar a si mesmo, como um exercício através do qual se procura transformar e atingir um modo de ser.

Segundo Foucault, "somos os herdeiros de uma moral social que fundamenta as regras de um comportamento aceitável sobre as relações com os outros. Se a moral estabeleceu-se, como objeto de uma crítica, o fez em nome da importância do reconhecimento e do conhecimento de si. É ainda difícil imaginar que o cuidado de si pudesse ser compatível com a moral" (FOUCAULT, 1994, s/n). Pensando nessa questão, até quando o sujeito terá que seguir a moral da cultura? É como um renunciar a si, para seguir outras regras, outros exercícios que não os considerados verdadeiros por alguns sujeitos e que são os que constituem sua subjetividade.

Parece que o cuidar de si é uma tarefa de toda uma vida, em que o objetivo é de preparar-se para a vida. Essa realização torna-se total no instante que precede à morte, como um progresso moral realizado em vida, onde o pensamento da morte nos remete ao um aproveitamento maior dessa. É notável que no grupo foram realizadas algumas transformações com relação ao conhecer-se a si mesmo. Para cada uma das participantes, parece que há um dar-se conta de seus pensamentos, o resgate de um controle sobre suas representações. Assim, filtram somente os pensamentos que correspondem a seus desejos. Através deste exercício do pensamento, auto-avaliam suas representações estabelecendo uma "liberdade racional em relação ao que é do seu domínio" (FOUCAULT, 1994, s/n).

No grupo percebemos modificações constantes com as participantes, (re) avaliando e auto-avaliando as questões trazidas a cada semana, esses processos vêm ao encontro com nossos objetivos iniciais, de produzir saúde e aumentar a autonomia dos sujeitos, tornando-os sujeitos pensantes e ativos em relação às condições de saúde/doença e procurando descentralizar a "posição depressiva" que inicialmente permanecia "co-

lada" ao grupo.

Esses processos de descentralização e desterritorialização propiciaram pensar em outros modos de ser e agir, repensando as questões que até então se faziam cristalizadas, tanto pelas participantes quanto pelo contexto social ao qual estão inseridas. Assim, foram criando-se novos devires e produzindo-se subjetividades tornando-as capazes de repensar/retomar o cuidado de si, bem como de questionar as verdades que estabelecem no dia-a-dia, possibilitando assim novos modos de vida e de saúde para si mesmas, suas relações sociais e familiares.

Atentamos para a possibilidade de dar continuidade ou produzir grupos junto ao Sistema Unificado de Saúde, onde estes possam gerir sujeitos ativos, reinventando maneiras de subjetividade e de pensar o social. Apesar das dificuldades existentes, de espaço, pessoal ou financiamentos, acreditamos sim, que os sujeitos inseridos nesse processo, terão a oportunidade de experimentar outras vias de tratamento que possibilitem gerir novas formas de saúde.

ABSTRACT: *Thinking about the group as a transformation gadget in the social relationship of the subjects seems to be a hard task, in this paper we intent to discuss about group questions and subjective transformations which happen during this created situation, emphasizing the extend clinical process with the objective of producing health and growth in subjects' autonomy.*

Keywords: *Group. Subjective. Extend Clinical.*

REFERÊNCIAS

BAREMBLITT, G., **Grupo teoria e técnica**, RJ, Ed: Graal, 1986.

BENEVIDES, R., **Saúde e Loucura 4**. Grupos e Coletivos, Ed: Hulitec, SP, 1994.

CARMO, Ângelo, M. O. **Exercícios de Liberdade: Foucault e o cuidado de si**. **Revista: Mente, Cérebro e Filosofia** - Pensadores da alma e das paixões, Vol. 6, 2007.

CATANI, A. **Dicionário Crítico sobre trabalho e tecnologia**. Vozes, 2002.

FONSECA, Tânia Mara G. e KIRST, Patrícia Gomes. **O desejo de mundo: um olhar sobre a clínica**. Psicologia & Sociedade Volume 16 N . 3 UFRGS, POA: 2004.

FOUCAULT, M. **Conceitos essenciais**. Ed: Claraluz, São Carlos, SP, 2005.

FOUCAULT, M. **A ética do cuidado de si como prática de liberdade**. Revista Internacional de Filosofia, n 6, de Julho - Dezembro, Concordia, 1984.

FOUCAULT, Michel, **As técnicas de si** Vol. IV, 1994. Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/> Acessado em: 08 Nov. 2007.

GUARESCHI, N., **Focault e a Psicologia**, Poa, Ed: Abrapso Sul, 2005.

MS - Ministério da Saúde, **Cartilha da PNH Grupo de Trabalho de Humanização**. Grupo de Trabalho de Humanização / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. - 2. ed. - Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2006.